



ROUSSEAU: NATUREZA E SOCIEDADE NO DISCURSO SOBRE A DESIGUALDADE

GOETZ, Luis Carlos¹

RESUMO

O objetivo deste texto é destacar, no texto de Rousseau *Discurso sobre a desigualdade* os seguintes tópicos: a) a descrição que Rousseau faz do estado de natureza e a importância que Rousseau atribui ao hipotético estado de natureza para seu propósito de descrever as qualidades distintivas do homem natural ou metafísico; b) que para Rousseau, entre os bens que decorrem do estabelecimento dos laços sociais, constam a ativação de suas paixões e faculdades e o estabelecimento da sociedade civil e que, entre os males, constam o aparecimento do amor próprio e o estabelecimento das desigualdades políticas.

INTRODUÇÃO

No *discurso sobre a desigualdade* Rousseau afirma e deixa claro que, para se conhecer a origem das desigualdades estabelecidas artificialmente na vida em sociedade, é preciso conhecer o próprio homem, e mais: que esse é o mais difícil e o mais importante dos conhecimentos porque dele dependem muitos outros. Sobre esse conhecimento escreve: “*não constitui empreendimento trivial separar o que há de original e de artificial na natureza atual do homem, e conhecer com exatidão um estado que não mais existe, que talvez nunca tenha existido, que provavelmente nunca existirá e sobre o qual se tem, contudo, a necessidade de alcançar noções exatas para bem julgar de nosso estado presente*” (ROUSSEAU, 1958, p. 161).

A hipótese do estado de natureza é pensada, por Rousseau, para descrever as faculdades e paixões naturais. Ou seja, conceber o homem nesse

¹ Graduando em Filosofia do Curso de Filosofia da UNIJUI e bolsista do Programa de Iniciação Científica PIBIC/UNIJUI. Orientador: Dr. Claudio Boeira Garcia



estado lhe permite descrever as qualidades humanas entre as quais a mais importante é a perfectibilidade, ou seja, a capacidade de livremente por em atividade, para o bem ou para o mal, suas faculdades e paixões.

Revisão de literatura

O homem descrito no estado de natureza se caracteriza por sua independência, ou por sua "liberdade natural", o que quer dizer que ele não está submetido à autoridade de outrem. Tal é o sentido da afirmação os homens nascem livres e iguais. Rousseau, depois, de afirmar que o estado de natureza é hipotético; depois, de ter isolado o homem neste estado com o propósito de destacar suas qualidades, faz longas e poéticas ponderações para dizer o seguinte: concebido do ponto de vista de suas faculdades e paixões existem apenas desigualdades naturais e não morais. Ou seja, as desigualdades morais só aparecem e se agravam na sociedade à medida que os laços sociais se desenvolvem:

"Movido pela lei natural de auto-conservação não lhe era agradável ver outro ser perecer. A piedade está na natureza do homem e com as sociedades o surgimento dos sentimentos tais como de inveja e ciúme proporcionam ao ser humano o esquecimento de seus instintos naturais puros tornando-o cruel e áspero. Assim como uns dos vários exemplos que se pode citar é o dos padres e os médicos que de tanto verem morrer e enterrar perde por assim dizer o sentimento de piedade.²" (1958, p. 163-4).

Mas nem por isso, os homens descritos no estado de natureza, são caracterizados por Rousseau como maus. A maldade só faz sentido com o surgimento das sociedades, pois, Rousseau considera o homem no estado de natureza enquanto que não laços de vida social com outros homens, mas que se liga a eles enquanto são seus semelhantes. Por isso que, quando Rousseau descreve o homem no estado de natureza afirma que ele: vive intensamente o

² Discurso Editora Globo. São Paulo, 1958. pg. 163-64.



presente. Não há propriedade, nada é de ninguém, tudo é de todos. Há um perfeito equilíbrio entre o que se quer e o que se tem; não tem desejos nem vícios, não é bom nem mau. Nesse estado o sentimento que une o homem com os de sua espécie não é ainda moral, mas também, não é o de querer mal os semelhantes. Sobre isso escreve Rousseau:

[...] meditando sobre as primeiras e mais simples operações da alma humana, creio nela perceber dois princípios anteriores à razão, um dos quais interessa profundamente ao nosso bem estar e à nossa conservação, e o outro nos inspira uma repugnância natural por ver perecer ou sofrer qualquer ser sensível e principalmente nossos semelhantes (Rousseau, 1958, p. 163).

Em não tendo vícios não tem virtudes, tampouco hábitos. É movido apenas por seus instintos e sensações, tem o instinto natural, e seu instinto lhe é suficiente, não tem noção de tempo e espaço. Perceber e sentir são seu primeiro estado (psicológico). Querer, não querer, desejar e temer são as operações de sua alma segundo suas necessidades imediatas, portanto, é desprovido de uma imaginação necessária para desenvolver qualquer tipo de desejo além dos de suas necessidades, lhe falta à faculdade que por natureza ainda não lhe foi desenvolvida, o que só acontecerá com o surgimento de uma faculdade artificial; a da linguagem. (1958, p. 176)

Com sua inteligência reduzida apenas a sensações: sua única preocupação é a de sua própria conservação. Teme a dor e não a morte, pois, jamais o homem concebido nesses termos saberá o que é morrer. Enfim, o conhecimento da morte e seus horrores será uma das primeiras aquisições feitas pelo homem ao distanciar-se da condição em que é descrito no hipotético estado de natureza.



Não vive em grupos, e porque não se reconhece como pertencendo a uma espécie não reconhece outro ser enquanto semelhante. Tem uma vida bruta; busca e luta por alimento e depois de saciada a necessidade, repousa. Em árvores e cavernas abriga-se temporariamente para escapar da chuva, feras e outras indesejáveis dificuldades que surgem.

No *Discurso sobre a desigualdade*, Rousseau destaca que é na faculdade de aperfeiçoar-se (perfectibilidade) que se assentam as possibilidades de desenvolvimento de todas as outras. Nesse texto escreve:

[...] não é tanto o entendimento nem a qualidade de agente livre que constituem a distinção específica do homem, mas sim a faculdade de se aperfeiçoar a qual é partilhada por cada indivíduo e pela espécie. É triste convir, destaca, que dela se originem os males do homem; que ela, desabrochando através dos séculos as luzes e os erros, os vícios e as virtudes o faça tirano de si mesmo. (ROUSSEAU, 1958.p. 249).

Ou seja, a perfectibilidade propicia o desenvolvimento do homem; permite, também, que desabrochem os erros, os vícios e as virtudes e que o homem se faça tirano de si mesmo. O fato é que para Rousseau, esse foi o motivo de descrever os sentimentos e faculdades naturais do homem as quais não foram consideradas nas investigações que confundiram o estudo do homem com o estudo do seu estado atual. Estado que esconde aqueles traços essenciais dos quais o homem foi dotado por natureza. Por isso Rousseau distingue entre as desigualdades naturais tais como a força, das desigualdades artificiais que são estabelecidas na vida em sociedade. Sobre isso escreve:

“Concebo na espécie humana duas” espécies de desigualdade: uma, que chamo de natural ou física, porque é estabelecida pela natureza, e que consiste



na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito, ou da alma; a outra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção, e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens. Consiste esta nos diferentes privilégios de que gozam alguns com prejuízo dos outros, como ser mais ricos, mais honrados, mais poderosos do que os outros, ou mesmo fazerem-se obedecer por eles. Não tendo nenhum vínculo com pai e mãe nem com ninguém nota-se que a liberdade é sua característica original. Quanto aos mais velhos, por terem menos forças, menos necessidades têm”. (ROUSSEAU, 1958, p.165.)

Rousseau no *Discurso sobre a desigualdade* descreve o estado de natureza com o propósito de definir aquelas qualidades que pertencem ao homem de “qualquer tempo e lugar”. Ao fazer isso argumenta que não é possível confundir tais qualidades com as do homem social, pois que, se de um lado o homem permaneceria “um bruto” se suas faculdades não se desenvolvessem, por outro lado, o que de fato ocorreu, por exemplo, no estabelecimento da propriedade e do pacto dos ricos, foi o estabelecimento de desigualdades artificialmente legitimadas.

Concluo com algumas passagens do *Segundo Discurso* as quais se referem ao estabelecimento das desigualdades artificiais e aos males sociais que decorrem desse fato:

Considerando a sociedade humana de modo calmo e desinteressado, a principio ela só parece mostrar a violência dos homens poderosos e a opressão dos fracos; o espírito se revolta contra a natureza de uns ou é levado a deplorar a cegueira dos outros e – como nada é menos estável entre os homens do que essas relações exteriores produzidas mais freqüentemente pelo acaso do que pela sabedoria, e que chamam de fraqueza ou poder, riqueza ou pobreza, - os estabelecimentos humanos parecem à



primeira vista fundamentados em montões de areia movediça; só quando a examinamos de perto, só quando removemos o pó e a areia que cobrem o edifício, percebemos a sólida base sobre a qual se ergue e se aprende a respeitar os seus fundamentos." (ROUSSEAU, 1958, p. 163)

"O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente ingênuas para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não poupariam à espécie humana, aquele que arrancando as estacas (...) tivesse gritado a seus semelhantes: defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém." (ROUSSEAU, 1958, pg. 266)

Rousseau destaca que, uma vez estabelecida à desigualdade artificial seguem-se as piores desordens desencadeadas pela usurpação dos ricos, pela avaréza, pela ambição, pelo direito do mais forte e pelos assassinatos. A sociedade é colocada no estado de guerra; a espécie humana, aviltada e desolada, não mais pode retroceder, nem renunciar às aquisições que fez. Os ricos sabiam que suas usurpações estavam apoiadas num direito precário, isolados e destituídos de razões para justificarem-se, são forçados a conceber o que é quase impensável ao espírito humano: um projeto em que as forças dos adversários se transformam em sua defesa. Depois de expor a todos a situação de insegurança em que se encontravam uns em relação aos outros, os ricos inventaram razões que beneficiassem seus interesses particulares. Unamo-nos disseram, para defender os fracos da opressão, para assegurar a posse do que pertence a cada um; instituíamos regras de paz e justiça, regras que obriguem a todos; reunamo-nos num poder supremo em vez de usarmos a força mútua contra nós mesmos. Que sábias leis nos governem nos proteja e nos mantenham em concórdia eterna: *"tal foi ou deveu ser a origem da*



sociedade e das leis, que deram novos entraves ao fraco e novas forças ao rico, destruíram irremediavelmente a liberdade natural, fixaram para sempre a lei da propriedade e da desigualdade” (ROUSSEAU, pp. 274-275)

A primeira etapa das desigualdades coincide com o estabelecimento da propriedade, atinge-se o seu ponto culminante com a implantação do poder arbitrário e pelo domínio do escravo pelo senhor: *“se seguirmos o processo da desigualdade nessas diferentes revoluções, verificaremos ter constituído seu primeiro termo o estabelecimento da lei e do direito da propriedade; a instituição da magistratura, o segundo; sendo o terceiro e último a transformação do poder legítimo em poder arbitrário. Assim o estado de rico e de pobre foi autorizado pela primeira época; o de poderoso e de fraco pela segunda; e pela terceira, o de senhor e escravo, que é o último grau da desigualdade e o termo em que todos os outros se resolvem, até que novas revoluções dissolvam completamente o Governo ou o aproximem da instituição legítima”* (1958, p. 283)

O despotismo afirma Rousseau, é o último grau que as desigualdades políticas alcançam na vida social: ele é: *“o ponto extremo que fecha o círculo e toca o ponto de que partimos; então todos os particulares se tornam iguais, porque nada são, e os súditos não tendo outra lei além da vontade do senhor, e o senhor outra regra além de suas paixões, as noções de bem e os princípios da justiça desfalecem novamente”*. (1958, p. 285-6).

CONCLUSÃO:

No início da obra *Discurso sobre a desigualdade* o autor afirma que falará de homens e para homens deixando claro que sua tarefa não é a mais fácil: *“É do homem que devo falar e a questão que examino me diz que vou falar a homens, pois não se propõem questões semelhantes quando se tem medo de honrar a verdade. Defenderei, pois, com confiança, a causa da*



humanidade perante os sábios que me convidam a fazê-lo e não ficarei descontente comigo mesmo se me tornar digno de meu assunto e de meus juízes” (1958, p.165)

Rousseau desenvolve o tema em busca de elucidar que o progresso e o desenvolvimento das faculdades do homem as quais que por algum motivo fez com que a humanidade seguisse o rumo pelo qual se encontra uma sociedade na qual os homens adquiriram vícios e hábitos que transformaram o homem em um ser cuja natureza está adormecida ou escondida por estes vícios e hábitos na convivência com seus iguais. É em sociedade que as comparações proporcionam o surgimento dos sentimentos de ciúme e inveja tornando-o escravo de si mesmo. Tendo conhecimento das inúmeras diferenças que distinguem o homem vê-se que são obras dos hábitos e das maneiras de como vivem tornando o homem do homem, o homem social refém de si mesmo.

REFERENCIAS

Rousseau, Jean-Jacques. **Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens**. São Paulo: Editora Globo, 1958.